

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade — Confederação Geral do Trabalho  
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
ANO IV — Número 1.057  
Quarta-feira, 3 de Maio de 1922  
PREÇO \$10 CENTAVOS

Em grande número de localidades realizaram-se na segunda feira comícios e sessões de propaganda comemorativos do 1.º de Maio.

Segundo comunicações recebidas, essas manifestações decorreram no meio de grande entusiasmo.

## As mentirosas «verdades» da C. P.

Nós compreendemos que, neste momento em que o edifício burguês-capitalista ameaça derrocar, as forças conservadoras, em presença das tendências reivindicadoras que por parte das classes laboriosas se veem acentuando, como natural consequência do desastre e sanguinolento conflito de 1914-18, procurem por todos os meios defender o seu predomínio, as suas prerogativas, unindo-se contra a reacção irreprimível que as suas próprias ambições desmedidas provocaram.

Compreendemos que o honrado comércio e a honrada indústria, sentindo fugir-lhes o chão debaixo dos pés depois da farta digestão, sintam os cabelos em pé ante a lógica revolta dos explorados contra a sua nefanda obra de abutres. Compreendemos a intrinsecidade dos seus espíritos tremendo com a ideia de que o povo, roucado, envenenado, sugado, infamado e criminosamente, venha perturbar-lhes a digestão, pedindo-lhes contas da miséria que o tem feito passar.

Mas o manifesto que a C. P. publicou é dum tam grande desdencamento, e duma tal estupididade, que só por ironia o poderíamos compreender.

Com efeito, as forças vivas, que assim se chamam, se não chamam talvez por serem elas só quem tem podido viver, tem o arrojo — elas que deviam estar muito caladinhas para não nos virem lembrar certas coisas — de vir a público atrair para cima das classes operárias a responsabilidade das dificuldades da vida.

Elas, as classes «essencialmente trabalhadoras», como tem o deslante de se chamar, entendem que «é preciso normalizar as condições em que se exerce a lei da oferta e da procura» e que «é preciso ainda entrar num regime de ordem e de trabalho». E atribuem aos operários as causas da situação presente, dizendo ser a «vaga da preguiça» «um dos principais aspectos do desequilíbrio económico».

Com um embusteiro temor de voz lamentam que o problema da carestia da vida seja dolorosamente sentido por todos!

E o cúmulo da desfaçatez, o cúmulo do desdencamento.

«Pois quem foi que provocou a anormalização das leis da procura e da oferta?»

«Quem se serviu das dificuldades que a guerra trouxe para esconder os géneros que devia ter a venda, com o fim de os fazer subir de preço, fazendo descer a procura?»

«Quem escondem a parte principal da produção agrícola de 1916 a 1919 para a fazer sair do país, no momento em que as dificuldades de transportes e de produção nos lançaram na negra fome, só porque a nossa moeda dia a dia se desvalorizava?»

«Quem deixou ao abandono regiões enormes de terreno cuja fertilidade se perdeu, com prejuizo público, com prejuizo do Estado, com prejuizo do valor monetário que se depreciava à medida que cresciam as nossas necessidades de importação, só porque procedendo assim fazia subir cada vez mais o prato da procura enquanto perdía o equilíbrio o outro prato da balança comercial?»

«Quem deixou apodrecer nos entrepostos milhares e milhares de toneladas de produtos para que o prato da oferta não podesse subir e para que não descesse o custo da vida?»

«Quem foi às colónias portuguesas buscar produtos alimentícios e oleaginosos para os ir vender na Inglaterra e na Espanha?»

«Quem se serviu de todas as artimanhas para forçar o Estado a criar escandalosos regimes de protecção contra os produtos estrangeiros?»

«Quem obrigou o povo — esse povo que não é essencialmente trabalhador como os da C. P., esse povo de quem se apossou a vaga de preguiça — quem obrigou este povo a passar as noites e os dias em bichas intermináveis à porta dos estabelecimentos?»

«Quem lucrou com a participação desastrosa de Portugal na guerra europeia, factor principal da desvalorização da moeda e do desequilíbrio económico?»

«Quem motivou o descrédito de Portugal no estrangeiro, de que derivou a maior parte das nossas dificuldades actuais, não obstante a intervenção na guerra do exército português?»

«Quem fez fortunas colossais no período de miséria e de sacrifícios, durante a guerra e depois dela?»

«Quem armou ardilosamente a cidade de supostos empréstimos externos, como o dos célebres 50 milhões de dollars, para provocar uma fictícia melhoria de câmbios e assim aproveitar uma situação falsamente favorável à oferta, para logo aproveitar também — com o brusco e premeditado salto da moeda em sentido contrário — como refluxo inevitável?»

«Quem importou os milhares de automóveis que entraram em Portugal exactamente no período em que as consequências da guerra mais se faziam sentir?»

Ah! Sim! Devem ter sido os operários a causa do mal estar de todos, que todos igualmente sentem.

Agora é que os da C. P. reconhecem, depois de se terem unido criminosamente num latrocinio legal e ilegal, agora é que eles reconhecem que «é preciso entrar num regime de ordem e de trabalho».

Como se não tivessem sido eles quem provocou a desordem e a miséria, como se não fossem eles que propositadamente tem impedido que utilmente se trabalhe!

Quando era realmente preciso trabalhar, quando esse sacrifício de que eles nos falavam havia de pôr-se à prova, procurando dar ao país condições que o habilitassem a viver de si próprio como alguns países se fez, os lavradores de Portugal deixavam as terras incultas e mandavam arrancar as árvores cuja lenha lhes rendia bom dinheiro. Os industriais e comerciantes não pensaram então em produzir para salvar o país da miséria. Pelo contrário, eles — os essencialmente trabalhadores — deixavam as mãos a um precioso produto e era uma mina que passava de mão em mão deixando lucro nos bolsos de dezenas de intermediários.

«O que foi que se desenvolveu em Portugal? A indústria? Não, desenvolveu-se o comércio, o comércio puramente parasitário — se todo ele o não é — o comércio de comissões, o comércio de armazenagem e de corretagem, e o bancário com todos eles.

«Os operários ficaram numa situação melhor por terem sido forçados a reclamar melhoria de situação depois da vida ter subido? Não, os operários foram exclusivamente quem sofreu as consequências da insaciável voracidade comercial.

«Foi o estado que lucrou com a fome? Não, o Estado declarou-se abertamente protector da ladrocinagem em seu próprio prejuizo, pois que se arruinou para não perturbar nos abutres o gozo completo de sugar à vontade a presa.

O Estado ficou pobre, miserável, falido, desacreditado. O povo ficou pior do que estava, depois duns poucos de anos de fome. Só eles se encheram, eles os da C. P., as forças vivas, o «honrado comércio», os «essencialmente trabalhadores».

E depois de fatos, depois de levarem para fora do país milhares de contos, eles que 1914 os contavam por milhares, se os contavam, depois de levarem para lugar seguro o produto da fome do país inteiro, contribuindo ainda mais uma vez para a desvalorização do escudo e consequente aumento das dificuldades nacionais, veem berrar, com uma evidente hipocrisia, que «é preciso trabalhar — os farçantes!».

Insubitavelmente, a lei representa apenas um entrave ao progresso, uma barreira à evolução que é preciso abalar até aos fundamentos, estorvando-nos assim em suprimir-lhe o máximo de utilidade e grandeza geral — A. Vaz.

## A conferência de Génova

A «ultimatum» com «ultimatum» se responde...

Tchitcherine convida os aliados a reatarem sem demora a conversação com a Rússia

Tchitcherine acaba de dirigir ao presidente da Conferência, o sr. Facta, a seguinte carta:

«Senhor Presidente: — Já se passaram cinco dias depois da sessão da comissão dos peritos em que foram apresentadas as propostas russas, desenvolvendo o resumo sucinto contido na minha carta de 20 de abril ao primeiro ministro da Gran-Bretanha. A delegação russa com reconhecimento deseja que V. lhe desse a conhecer as razões da não-convocação da primeira comissão e da sub-comissão políticas, assim como as datas em que estas serão convocadas.

Os rumores correntes seguem os quais uma destas sub-comissões teria sido convocada sem a participação da Rússia não podem ser evidentemente conformes à realidade, visto que a Rússia pelas participa no mesmo pé de igualdade.

A convocação da primeira sub-comissão é tanto mais desejável quanto o método observado até agora pela Conferência, na questão russa, é incapaz de conduzir a um resultado útil e não de forma alguma conforme com a resolução de Cannes, que coloca, em primeiro lugar, os socorros financeiros aos países fracos.

Tenho o profundo pesar de dever fazer ressaltar, nesta ocasião, que nenhuma resposta precisa recebeu até agora a delegação russa quanto ao quantitativo dos créditos necessários à reconstrução da Rússia, cujo montante foi entretanto indicado pela delegação russa como sendo uma condição prévia e absolutamente indispensável do acordo cujo projecto foi esboçado na minha carta de 20 de abril ao sr. primeiro ministro da Gran-Bretanha.

Se a ausência de resposta a este assunto, e a interrupção pela Conferência dos seus trabalhos, significam uma recusa por parte das potências convidadas a acceitarem o texto da minha carta de 20 de abril ao primeiro ministro da Gran-Bretanha, como base duma discussão em que certas ideias fundamentais foram precisadas nas propostas dos peritos russos na passada segunda-feira, neste caso a delegação russa, por seu turno, se não pode considerar ligada à minha carta de 20 de abril, e retomará a atitude expressa no «memorandum» russo, que foi a sua atitude inicial, e que continua sendo a expressão dos princípios que esta considera como justos, posto que tenha de facto, com um fim de conciliação, concedido nas concessões indicadas na minha carta de 20 de abril, sob certas condições sem as quais as ditas concessões não podem de forma alguma entrar em vigor.

Na previsão desta eventualidade, tomo a liberdade de chamar a atenção da conferência sobre o «memorandum» russo, cujas cópias são simultaneamente enviadas ao secretário geral.

Aproveito esta ocasião, sr. presidente, para lhe endereçar as expressões sinceras da minha mais alta consideração.

Tchitcherine.

«Até agora, tem havido a preocupação exclusiva da liquidação do passado, que por enquanto ainda não está liquidado.

Tomaram-se os caminhos os mais tortuosos, os mais longos, com, segundo parece, o secreto desejo de não chegarem a um resultado, pois se sabia, que se sobre certos pontos a delegação russa accitaria fazer concessões para demonstrar a sua vontade de acordo, sobre outros pontos essenciais, ela não consentiria nunca a transigir.

Melhor ainda (Tchitcherine oficialmente o observa), a sub-comissão política é convocada, com a exclusão da Rússia, apesar de se ocupar das questões russas. O paradoxo é verdadeiramente denso, ao mesmo tempo que os aliados violam o espírito da resolução de Cannes.

Como se sabe a conferência ainda não deu resposta à questão dos socorros financeiros à Rússia, nem tam pouco ao plano de concessões apresentadas pelos russos, nem sobre as garantias oferecidas, nem sobre a esmagadora exposição feita por Rakovski à sub-comissão de crédito sobre os prejuizos causados à Rússia pelos manjões e ofensivas contrarrevolucionárias dos Aliados.

Mas os russos é que não estão dispostos, segundo se vê, a esperar que os aliados se ponham de acordo no comité dos peritos, sobre a forma de mais facilmente digerirem a Rússia com o mólho do «ultimatum» franco-ingles.

### Uma declaração

Pelo correio recebemos ontem o seguinte documento, esperando explicações mais detalhadas sobre as questões que no mesmo são enunciadas:

GENOVA, 27-4-1922. — José Barreto, correspondente jornalístico português na Conferência de Génova, vem comunicar ao operariado português que fará um relatório ao governo português sobre todas as conversações oficiais que teve com delegados de diferentes nacionalidades à cerca da solução do problema económico operário em Portugal. Desde já declara que até hoje, 27, não houve na Casa Stampa qualquer convite do delegado político da missão para ser ouvido pelos jornalistas da Conferência. Portugal aparece unicamente como colónia inglesa, e embora tenhamos a máxima consideração pelo grande estadista Lloyd George, parecendo-nos que Portugal tem de expor ao jornalismo mundial o que pensa sobre o problema interno e a maneira de o resolver. Declara o abaixo assinado que se a crise operária portuguesa não for resolvida por falta de competência dos enviados, fará por intermédio de deputados republicanos interações ao governo, prevenindo desde já que tem importantes provas de que seria fácil — bastaria boa vontade — defender os interesses dos ricos e dos proletários. Esta declaração visa unicamente os interesses gerais do país e não obedece a intuídos políticos; é — por agora — uma afirmação de princípio. — José Barreto.

Casa Stampa. — Conferência de Génova.

### LEDE NOVELA VERMELHA

Nesta 3.ª lição, tratará do estabelecimento geral; da ocupação da Baía pelos holandeses (1548-1624); da obra do governo e da administração de Tomé de Sousa, Duarte da Costa, Men de Sá, etc.; dos primeiros jesuítas no Brasil, Manoel de Nobrega, Aspiquella Navarra e José Anchieta; da fundação e evolução da Baía de São Paulo e do Rio de Janeiro; das primeiras intromissões dos franceses no Brasil; das tentativas de Villegagnon ao sul, e os de Jacques Rigault e La Ravardière do norte; dos projectos da «França Antártica» e da «França equinocial»; da expulsão dos franceses; de Jerônimo de Albuquerque o Diogo de Campos, e da criação do Estado do Maranhão (do Ceará ao Pará).

### Universidade Popular Portuguesa

Continuam as conferências sobre Evolução da Humanidade, na VI secção, Associação de Classe dos Operários Chapelleiros, R. do Arco Marquês de Alegrete, 30, 2.º, realizando-se hoje às 21 horas, a 3.ª da série, pelo dr. sr. Santa Rita.

«Em todas as cidades há uma vela acesa: o mestre, e uma boca sempre activa para a apagar: o sacerdote».

Vitor Hugo.

## 1.º DE MAIO

## As manifestações do operariado

Effectuaram-se ante-ontem em todo o país as manifestações do operariado organizado, comemorativas da passagem do 1.º de Maio.

Foi mais uma afirmação de vitalidade dos trabalhadores portugueses, que devem, cada vez mais, unificar a sua acção, de maneira a opor uma forte consciência revolucionária às pretensões da classe patronal que se prepara no sentido de cercar as suas mais caras reivindicações.

«O comício de Lisboa

Com bastante concorrência, effectuou-se ante-ontem, no Parque Eduardo VII, o comício promovido pela U. S. O.

Às 16 horas, assumindo a presidência Alberto Monteiro, secretário geral da U. S. O., que era secretariado por Eduardo Jorge e Joaquim Távares Adão, foi aberto o comício, sendo lido o expediente, que constava de officio de saudação dos presos por questões sociais da cadeia do Limoeiro e da Associação de Classe dos Impressores Tipográficos, e representações da C. G. T., Federação da Construção Civil, Federação Mobiliária, Federação Corticeira, Federação de Calçado, Cursos e Peles, Federação Metalúrgica, Federação das Juventudes Sindicistas, Pessoal do Carris de Ferro, Manipuladores de Pão, Operários da Indústria de Carruagens, Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra, Operários Maquinistas Fluviais e Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos.

Depois de o camarada presidente ter feito referências à comemoração do 1.º de Maio, fez uso da palavra Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da C. G. T., que diz dever manter-se sempre vivo o espírito revolucionário da classe trabalhadora, pois não é só no dia 1.º de Maio que se devem fazer acções, porquanto todos os dias são úteis para as fazer. Porém, nesta data, elas revestem uma outra característica. Quereria a C. G. T. que tivesse uma forte organização para se impôr ao pa-

tronato, que procura por todos os meios desfazer os organismos operários.

A C. G. T., diz o orador, só pode ter a força que a classe trabalhadora lhe der. Não é o político, o banqueiro, o comerciante, etc., que tem de dizer aos operários o que estes devem fazer. São os trabalhadores conscientes quem tem o dever de aconselhar o caminho aos seus camaradas.

Refere-se depois às conferências internacionais promovidas pelas classes predominantes para resolver o problema económico e que nada de útil têm produzido. Assim, a conferência de Génova, que ora se está efectuando, e onde predomina o espírito da ganância comercial, deve dar os resultados das outras. O desequilíbrio económico, prossegue o orador, continuará como até aqui, mas os burgueses preparam-se para esmagar os trabalhadores, procurando, nessas condições, saírem fortes dessa conferência.

Para opor uma barreira a esses desfechos, deve a organização sindical preparar-se também, e ando o desenvolvimento comissões técnicas na fábrica, na oficina e no campo, pois não é só dizer-se que os trabalhadores tomarão amanhã conta da produção; é necessário que se preparem para bem poderem desempenhar-se da missão que lhes compete. E nestas condições, preciso é salientar que os trabalhadores não excluem os técnicos para a remodelação completa da sociedade. Não é um favor que se pede, é um dever que todos tem para bem da comunidade.

Diz a seguir que a imprensa burguesa procura todos os pretextos para atacar os trabalhadores, mas no momento actual, para demonstrar o seu acendrado patriotismo, recebe 15 contos para fazer a propaganda da exposição do Rio de Janeiro. Essa imprensa procura fazer os escravos mais escravos ainda, acusando os trabalhadores de bombistas e inimigos da ordem social, quando as bombas foram os republicanos que as ensinaram a fazer e das quais se servem, quando lhes convém, para assaltar o poder.

Termina por fazer um apêlo a todos os trabalhadores no sentido de robustecerem os seus organismos, dando-lhes aquela vitalidade de que eles necessitam para enfrentarem os ataques constantes das classes burguesas.

Francisco Viana, da U. S. O., salda os trabalhadores de todo o mundo e as vítimas da reacção capitalista que fazem nas cadeias da república, saudando também o povo russo como precursor da próxima revolução social. Diz que a U. S. O. de Lisboa vem afirmar que o dia 1.º de Maio é uma data revolucionária, e que devem todos impor-se para manter íntegro o dia máximo de 8 horas, recordando as oito vítimas da reacção americana. A U. S. O., diz o orador, constata a falta de consciência do operariado, o que tem levado a Confederação Patronal a triplicar sobre este e ultimamente a publicar um manifesto cheio de mentiras, com um atrevimento inaudito. Tudo isto é proveniente do comodismo operário, que não mostra energia para se impôr. Se os trabalhadores não querem que lhes seja posta uma gargalharia, tem que deixar o seu comodismo criminoso, afirmando a sua consciência para não lhe serem roubadas as suas reivindicações.

Acrescenta que o operariado não tem sabido corresponder, engrandecendo os organismos respectivos para poder combater a reacção que se prepara, cerrando fileiras numa frente única, terminando por dizer que a U. S. O. faz votos para que os operários se compenetrarem dos seus deveres, dando vida aos sindicatos, porque a emancipação dos trabalhadores será obra dos mesmos trabalhadores.

Alfredo Lopes, delegado da Federação da Construção Civil, começa por dizer não ser necessário descrever a origem do 1.º de Maio, porque todos têm obrigação de a conhecer. Afirma que se a Confederação Patronal tem perseguido os operários, a culpa é destes que não sabem opor-lhe a força que possuem.

Não se admira que entre a multidão esteja a polícia da patronal, para indicar aos seus patrões quais os indivíduos que tem a coragem de fazer afirmações para que ela possa ferozmente atacá-los perseguindo-os por todos os meios. Estes porém não recuam perante a perseguição patronal e governamental, mas a classe operária deve também afirmar a sua vitalidade. Porém a multidão que está presente não representa os trabalhadores de Lisboa; representa, sim, o abandono sistemático do operariado por aquilo que lhe diz respeito.

O orador, continuando, pergunta: «Como querem que os militantes façam trabalho mais perfeito e mais consistente com as aspirações de todos, se o operariado não aparece nestes momentos, fazendo assim, criminosamente, o jogo dos capitalistas?»

Diz que o manifesto da Confederação Patronal é um desafio ao operariado para a luta, porque nele se afirma não terem razão os operários de reclamar aumento de salário, quando o salário não chega para viver como por demais está sabido. Aquele manifesto é uma infâmia que não pode nem deve admitir-se. Mas os operários não se incomodam dando assim razão à patronal.

Apela para os presentes no sentido de fazerem a máxima propaganda para que nas obras, fábricas e oficinas sejam criadas comissões técnicas, pois sem uma preparação mais completa não pode afirmar-se que a revolução se fará amanhã.

José Maria GONÇALVES.



nhã e está só será um facto quando houver consciência.

Referese por fim ao congresso do partido republicano português, no qual um congressista propôs para que fosse revogada a lei das 8 horas de trabalho, argumentando que assim teriam os operários menos tempo para fabricar bombas, quando os burgueses não quem tem salões, grandes, espingardas, etc., para esmagar os trabalhadores, não tendo portanto a burguesia autoridade moral para condenar os operários.

Segue-se no uso da palavra Santos Arranha, delegado da Federação Mobiliária. Diz que após a confederação europeia a classe burguesa tem procurado todos os meios para cercar as regalias dos trabalhadores, mas estes é que são os culpados porque se conservam adormecidos, especialmente a maioria, não acendendo a luta. Em Portugal o patronato criou um organismo simplesmente para esmagar aqueles que trabalham, fazendo ao mesmo tempo pressão sobre os governantes para conseguir os seus fins. Os trabalhadores devem também organizar-se devidamente para defender-se dessas arremetidas.

Continuando, diz que se em parte a massa operária tem adormecido, isso é da responsabilidade de alguns militantes que a tem abandonado, formando ou integrando-se em partidos políticos, parecendo querer dar aos nossos inimigos a impressão de que os trabalhadores pretendem o governo. Julgaram muitos que a guerra trazia a revolução social, quando esta estará na próxima quanto o grau de consciência de todos estiver preparado. E assim a Confederação Patronal poderá conseguir os seus fins, devido à divisão que se tem feito. Afirma que a classe mobiliária está em luta com a Confederação Patronal, mas lutará até vencer. Aquela misteriosa entidade pode pôr a pata sobre os governos, esmagar os industriais, mas não é a classe dos mobiliários que sabem o que querem.

António da Graça, da Federação Metalúrgica, lamenta a pouca concorrência ao comício. Enquanto a burguesia se prepara para cercar as regalias dos trabalhadores, devem estes, por sua vez, organizar-se moral, técnica e revolucionariamente nos seus sindicatos para lhe oporem uma forte barreira. Apela para que todos contribuam para os russos famintos, vítimas do capitalismo.

Pela Federação Corticeira fala Heitor Velga, que levanta o seu protesto contra as classes parasitárias que pretendem roubar as 8 horas, apelando para que a classe operária não consinta que elementos que nada fazem queiram aumentar o horário de trabalho.

Raul Duarte, da Federação de Calçado, Courros e Peles, salda os mártires encarcerados nas masmorras da república pelo simples facto de estarem em liberdade. Diz que a Confederação Patronal, que é constituída pelas criaturas que mais tem roubado os trabalhadores, tem a audácia de vir dizer que são estes que estão ruins! Devem, portanto, todos os operários unirem-se nos seus sindicatos para se oporem a tais infâmias.

A seguir fala Carlos Fortes, delegado do Pessoal da Carris de Ferro, que diz ter a Confederação Patronal imposto aos industriais para que durante um ano não dessem trabalho aos demitidos. É um problema a resolver e se a organização não o fizer, acrescenta, então resolvem-no eles.

Diz que se a sua classe foi esmagada, deve-se em parte à organização operária, e a continuar-se assim o patronato esmagará definitivamente tudo quanto está feito. Afirma que todos os demitidos lutam com a miséria e estão desorientados. Ele, orador, como vítima e como chefe de família, se lhe faltaria o pão em sua casa, já tem o seu caminho traçado.

Apela para todos os conscientes para que saibam corresponder monetariamente a favor dos demitidos.

José Esteves, da Federação das Juventudes Sindicalistas, afirma a sua revolta contra todas as prepotências governamentais e patronais. Vem desdobrar o que, em vez de aumentar a consciência operária, ela diminuiu como se verifica da concorrência que assiste ao comício, terminando por dizer que a falta de organização se deve em parte aos militantes operários.

Em seguida é aprovada por aclamação a moção da U. S. O., que tinha sido lida a meio dos trabalhos, sendo encerrado o comício.

A moção é do teor seguinte:

Considerando que a data do 1.º de Maio não só é hoje uma comemoração das reivindicações preconizadas pelos mártires de Chicago mas também a afirmação da força consciente das classes trabalhadoras;

Considerando que o 1.º de Maio, teve início na reclamação do horário máximo das 8 horas de trabalho, regalia esta já conquistada, mas que presentemente é atacado por todas as forças reaccionárias anónimas enriquecidas na Confederação Patronal;

Considerando ainda, que a Confederação Patronal, entidade secreta donde irradiava toda a perseguição ao operariado e bem assim as suas regalias conquistadas, publicou um manifesto que constitui o maior conjunto de falsidades até hoje dada a público;

Considerando que a data de hoje sendo internacional, é de molde a afirmar-se a vontade indelével do povo trabalhador, na crença insusceptível e ideológica de uma próxima transformação social, que tenha como base a igualdade económica pela abolição da propriedade privada, causa principal de todos os conflitos sociais;

Considerando que para manter a mesma propriedade privada e satisfazer as forças burguesas, se prende com a maior facilidade operários, só pelo facto destes delinquentes os seus direitos menos presados; e assim se encontram a ferro da república muitos camaradas, cujos supostos delitos assentam em casos emergentes da desigualdade económica, enquanto que os causadores do mal estar social não só não são incomodados, como ainda dispõem com a sua influência de todos os poderes do Estado;

Considerando por último, que não se tem respeitado a liberdade de pensamento, de reunião e de associação, o que constitui a negação das afirmações feitas no tempo da propaganda e republicana, facto este que não continuará a ser tolerado pelo operariado, por ser este ainda a única força organizada que

sempre tem defendido estas e outras liberdades públicas;

O povo trabalhador de Lisboa reuniu no comício público a convite do União dos Sindicatos Operários resolve:

1.º Ratificar a sua simpatia por todos aqueles que tenham revolucionariamente contribuído para a unificação do operariado sem fronteiras, visto a manifestação de hoje sintetizar uma aspiração internacional.

2.º Montar a memória dos mártires de Chicago, não admitindo qualquer alteração ao actual regime de 8 horas de trabalho, usando-se para a defesa do mesmo horário de todos os meios ao nosso alcance.

3.º Lançar ao máximo desprezo o manifesto da Confederação Patronal, não só por o mesmo ser mentiroso, como pelos seus intuitos egoístas ameaçar subverter todo o operariado da região portuguesa.

4.º Afirmar a sua vontade inabalável no triunfo da emancipação das classes produtoras, não esquecendo neste momento solene o esforço gigantesco do operariado do Oriente a quem salda.

5.º Reclamar a liberdade de todos os presos por questões sociais, tendo em atenção, que se formulam indultos assinados por elementos das chamadas «forças vivas» em que se pede a liberdade de presos de delito comum.

6.º Reclamar a máxima liberdade de pensamento, de reunião e de associação, pois sem estas não se afirmam as manifestações do progresso, antes se retrograda aos tempos jesuítas das trevas.

Por lapso, o presidente do comício não deu a palavra ao delegado do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, não representando este facto menos consideração para aquele organismo.

Como sobre a mesa estivessem credenciais para dois delegados comunistas fizeram uso da palavra, o presidente declarou que, segundo resoluções do conselho de delegados da U. S. O., só podiam falar representantes da organização operária, dando, portanto, o comício por encerrado, por não haver mais oradores naquelas condições inscritas.

Levanta-se um certo borborinho, ouvem-se apertes, esboçando-se alguns conflitos que não tiveram importância. No meio da confusão, vários comunistas invadem as carroças que servem de tribuna, saltando para cima da mesa onde trabalham os representantes da imprensa, sem consideração alguma por quem ali estava no cumprimento da sua missão.

Pouco depois serenaram os ânimos, debandando tudo na melhor ordem.

Durante o comício foram recebidos os seguintes telegramas:

ALJUSTREL, 1.º—Saúdo o comício. A população operária de Aljustrel associa-se à minha saudação. — Armando Martins, delegado da C. G. T.

SANTA BARBARA DE NEXE, 1.º—Os delegados em propaganda no Algarve saúdam o comício. — Carlos Coelho e João Gomes.

**Brincadeira estúpida**

Sob a presidência do juiz auxiliar dr. sr. Afonso da Cruz e escrivão José Vasques efectuou-se ontem no Instituto de Medicina Legal de Lisboa o exame directo de Manuel Francisco, de 42 anos, trabalhador, natural e residente na freguesia de S. João dos Montes, concelho de Vila Franca de Xira, aquele pobre saído que há dias no Largo de Camões, quando esperava a hora do almoço, foi vítima de uma brincadeira estúpida da autoria de cinco chauffeurs, caso que aludimos. O pobre homem apresenta várias queimaduras nas pernas, mãos e braços e teria decerto morrido carbonizado se não intervissem em seu favor alguns populares e um civico que pouco andava de serviço.

**Armazens reguladores**

Do Commissariado dos Abastecimentos recebemos a seguinte nota officiosa:

Tendo-se propagado que vão ser despedidos os actuais fiéis dos Armazens Reguladores para serem substituídos por oficiais reformados, cumpre esclarecer que apenas se substituirão uns fiéis de armazem por irregulares no desempenho das suas funções e queixas repetidas do público contra eles, no que, de resto, apenas se põe em prática uma das cláusulas do contrato com que entramos o Commissariado, a qual permite serem despedidos logo que não convenham ao serviço. Sempre que haja conveniência, a bem do público, em entregar a gerência dos Armazens a outra pessoa, nenhum prejuízo advirá para os interesses dos actuais fiéis que do seu cargo tenham dado boa conta. — Commissariado Geral dos Abastecimentos, 2 de Maio de 1922. — O Commissário Geral — (a) F. Trigo.

**Classes que reclamam**

**Manufactureiros de Calçado**

Reuniu ontem a comissão pró-aumento de salário, conjuntamente com grande parte do pessoal da Fábrica «Elite», que assentou na reclamação a fazer para aquele pessoal.

Hoje reúne, às 19 horas, todo o pessoal da «Elite», assim como todos os delegados nomeados por oficinas para serem portadores das reclamações aos industriais.

**TEATRO DE S. LUIS**

HOJE — HOJE

A farsa de André Bruu e Carlos Simões, musicada por Pedro Bianchi.

**A Lenda dos Tralatrans**

Brilhante desempenho — Magníficos cenários — Esplendido guarda-roupa.

**Universidade Popular Portuguesa**

Continuam hoje pelas 20 horas as sessões de Canto Coral e do Orfeon pelo professor Herminio do Nascimento.

## AS GREVES

### Operários do mobiliário

Prosegue com ardor a luta destes camaradas contra a resistência do seu industrialismo e a truculência da desastrosa C. P.

Reunidos autotem em assembleia celebraram a marcha do movimento e a disposição de uma parte de industriais e lojistas em reabrir as suas portas, satisfazendo as reclamações dos grevistas, tendo-se alguns oradores ocupado da missão de moralidade a cumprir por todos os operários que voltam ao trabalho, uma vez atendidos.

Na assembleia de ontem, foi apreciada a forma bela como os grevistas se vão mantendo dispostos a lutar até à vitória.

Foi verificado o procedimento de alguns elementos políticos, perniciosos à organização sindical, que no comício levado a efeito pela U. S. O. no dia 1.º de Maio pretendiam estabelecer a confusão e deturpar a manifestação de consciência da massa proletária que é o significado dessa data.

O S. U. do Mobiliário fez distribuir pela cidade um manifesto dirigido aos consumidores da mobília, expondo as causas do protelamento da greve e o razão da carestia dos artefactos da indústria.

Para apreciar importantes assuntos de ordem geral, reúne hoje, às 17 horas, todos os operários da indústria grevistas e os que já estão laborando.

### NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A calmaria produzida na luta que vimos mantendo há aproximadamente dois meses, nem por isso pode ser tomada à conta de fraqueza de nossa parte, como o tem insinuado alguns dos inimigos das classes do mobiliário e como o poderão julgar alguns indivíduos desconhecedores do espírito que nos anima. Os operários do mobiliário que submeram não ser cobardes aceitando a luta oferecida pelos seus patrões num período de opressão, sabem bem as suas responsabilidades que puxaram sobre si perante toda a organização operária.

A nossa disposição de hoje é a do primeiro dia de luta, fortalecida ainda pela demoralização que se vai acentuando dia a dia da parte dos nossos adversários.

Alguns industriais e lojistas compechendo, enfim, o logro do *let-out* em que foram lançados por aqueles que longe de o respeitarem vão fazendo do negócio a ocultas, mostram-se dispostos a ir engrossar o grande numero dos que não quiseram coparticipar da farsa, abrindo oficinas e estabelecimentos nos primeiros dias desta semana.

Nós o dissemos: Esta luta era mais contra os pequenos industriais e lojistas do que propriamente contra os operários! Mentimos? Não! Ali está bem evidente a veracidade das nossas afirmações.

Os industriais e lojistas que sob coacção de promessas e ameaças da C. P. fecharam as suas oficinas e traíram os compromissos conosco tomados, vão sentindo os efeitos nocivos desse gesto impensado, não lhes valendo as promessas de amenização de prejuízos como a *intrusa* os embolou.

Os grevistas tem perdido em salários, mas ganho em disposição para a luta!

Noutra conjuntura ficar-nos-ia mal dizer-lhes; mas hoje, com alívios e afirmações:

Uma ínfima parte dos operários do mobiliário são os que se encontram absolutamente paralisados. Da grande maioria, uns trabalham nas oficinas que cedem, alguns para particulares, outros irradiam-se para outros misteres, havendo operários que preferem fazer fretes, limpar chaminés e serem

vendedores ambulantes, do que reentrar nas oficinas sem verem satisfeitas as suas reclamações!

Uma classe assim é, pois, invencível!

A perseguição da luta, longe de representar a demoralização e amachuamento dos grevistas, vai representando o esmagamento dos industriais que, dada a abundância de trabalho é a carência de operários, já terão calculado que, finda a greve, terão naturalmente que ceder um aumento superior ao por nós reclamado.

Oxalá que aproveitem a dura lição desta luta, e que, de futuro, pelo menos para salvamento dos prejuízos de agora, se deixem de tratar os operários como sub-gente, cercandolhes regalias e canalizando todos os lucros para os coítes dos agenciários da mobília.

Operários do mobiliário: Em vésperas da reabertura de senão todas, pelo menos algumas oficinas e estabelecimentos nas condições por nós reclamadas, o vosso comité vem lembrar-vos que não basta o saberemos reivindicar direitos; pois é indispensável que todos os operários nas oficinas cumpram com os seus deveres profissionais e mantenham uma certa linha de moral que o habilita não só a imporem-se ao respeito dos seus patrões, como ainda a serem consagrados a autoridade moral para combater a maldade da actual sociedade.

Ponde pois os olhos num passado que endos, pleno de afirmações; tende em conta que lutais há 43 dias por mais e mais respeito pela vossa dignidade de trabalhadores; persisti na luta até que a bem merecida vitória venha coroar todos os vossos esforços, certos de que será uma vitória extensiva a todos os trabalhadores conscientes!

A plenos pulmões, cheios de fé, bradai ainda:

Viva a organização operária! Abaixo a exploração!

O comité central.

A assembleia de hoje é às 17 horas.

**Operários chapeleiros**

**NOTA OFICIOSA**

Continua sem solução a greve da fábrica «A Lisbonense Ltd.»

Recebemos um officio dos camaradas chapeleiros portugueses. Felicitamo-los por serem atendidas as suas reclamações. Também agradecemos o oferecimento por eles feito respeitante aos grevistas «A Lisbonense Ltd.»

O comité central.

**Operários ferradores**

**NOTA OFICIOSA**

Os grevistas encontram-se em sessão permanente.

Várias comissões de vigilância tem desempenhado as suas funções admiravelmente no sentido de que se mantenha.

A aglomeração de sócios é cada vez maior no Sindicato. É grande a união, esperando-se que todos os camaradas mantenham a sua altitude como até à hora presente, pois só assim o patronato se sentirá obrigado a reconhecer a sua posição e a conceder a maior parte da nossa reivindicação.

Já se encontram em poder deste Sindicato várias adesões, esperando-se que amanhã fique solucionado o conflito.

O patronato ainda não assinou por a comissão não ter tido o tempo necessário para percorrer todas as oficinas.

Roga-se a fineza a todos os sócios e não sócios, para comparecerem na sede deste Sindicato, hoje, pelas 14 horas, para serem discutidos vários assuntos que são do máximo interesse para a classe. É necessário união, lealdade e solidariedade. — A Direcção.

nestre de 1921, assim como o secretário administrativo do mesmo ano.

Segundo da C. Civil de Belém — Reúne em assembleia geral hoje para apreciar o parecer da comissão revisora de contas do ano anterior, e outros trabalhos de interesse para a indústria.

Impressores e tipógrafos. — Reúne hoje a Direcção, pelas 20 horas, na nova sede desta Associação, na Calçada do Combro, 38-A (edifício da C. G. T.).

Fragateiros. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 21 horas.

**SINDICATOS**

**DA PROVINCIA**

U. S. O. de Almada. — Reúne hoje, pelas 20 horas, o conselho de delegados desta União, na Associação dos Corticeiros, sendo necessária a comparencia de todos os delegados devido à importância dos assuntos a tratar, que são da máxima importância para a vida desta União.

Raoul Saint Mars contra Constant Le Marin, em luta livre, seria em qualquer parte um acontecimento; mas hoje, no Coliseu, além dum combate emocionante, vê-se há o maravilhoso Grilo, campeão de Portugal, contra Ochôa, campeão hespanhol, em luta romana.

**JUVENTUDES SINDICALISTAS**

Núcleo de Lisboa. — Reúne hoje, pelas 20 horas, os corpos gerentes, extraordinariamente, para tratar de assuntos de grande importância, para a qual é imprescindível a presença de todos os seus membros.

Convida-se comissão instaladora a reunir hoje, pelas 20 horas.

**Grupo «Os abanadores»**

Os componentes deste grupo, que faziam parte do quadro gráfico do A B C, efectuaram um jantar de confraternização, durante o qual tiraram uma quebra a favor dos famintos russos, que rende 9800.

**TRABALHADORES, LÊDE**

**A NOVELA VERMELHA**

## Congresso do Partido Socialista Português

inaugurou os seus trabalhos na cidade de Tomar

TOMAR, 30. — Durante as horas que precederam a sessão inaugural, nada se depreendia sobre o que seria o anunciado congresso nacional do Partido Socialista.

As conversações, a alegria dos congressistas e o espírito de uma grande parte deles, a amenidade do dia, tudo o que se passava a nossa volta, dava-nos mais a impressão de que se tratava antes de uma excursão de recreio à buliçosa e formosíssima cidade do Nabão, do que propriamente a realização de um congresso partidário.

Os mais novos preocupavam-se imenso com os sorrisos e a beleza das mulheres, realmente dignas de serem amadas e admiradas, ou vice-versa; os velhos, os caducos, discutiam solenemente o que adviria do próximo congresso para a vida do partido.

A nossa chegada a Tomar dão-se episódios interessantes proporcionados pela falta de uma proviã preparada de alojamentos. Ninguém sabe para onde ir, mas enfim lá nos encasturamos num hotel, com janelas para o rio Nabão. Da comodidade dos nossos alojamentos e do que mais se pode julgar, registemos esta frase dum repórter arreliado:

— Tomar é bem socialista: tudo é comum, os quartos, a comida, a mesa!

### Sessão inaugural

TOMAR, 30. — A sessão inaugural efectua-se à noite na sociedade filarmónica Gualdim Pais, sob a presidência do sr. Ramada Curto, que é secretariado pela sr.ª D. Ana Braga e pelo sr. Proírio de Freitas.

Há uma certa animação, e na sala as *toilettes* garbadas das senhoras destacam-se da alegria serena dos homens. Depois de verificados os mandatos e lido o expediente, o sr. Ramada Curto inicia o seu discurso, dizendo que na sua mocidade acreditava que a República viria solucionar o problema político português, mas após onze anos de experiência, perdeu esta crença. Hoje é um fervoroso socialista como ontem foi republicano.

No momento em que nada se cre, dois homens são o exemplo vivo da crença forte na Humanidade: são os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Apresenta uma moção, para que o congresso se abra, sendo aprovada por aclamação.

Referese à obra política dos republicanos; estes abruptamente afastaram de si o povo, e o resultado é que hoje a mocidade é reaccionária, e os operários, porque estão cheios de ódio, lançam mão do recurso da bomba. O estado mental do país é vergonhoso, e para prova está o facto de se esperar de um homem que está no estrangeiro vivendo como quer, que venha salvar o país.

É de parecer que o desenvolvimento capitalista e a concentração industrial proletária o maior numero de indivíduos, cria uma maior plutocracia, assim precipitando a revolução social.

Referese às revoluções russas durante a guerra, que derrubaram para sempre o imperialismo.

Depois fala da incompetência dos políticos portugueses, que poderão conhecer bem os círculos políticos mas não sabem nada do problema internacional.

Preconiza a socialização das riquezas num programa de realizações imediatas, e refere-se à posição que as classes médias devem ocupar no presente momento.

Ataca as propostas de finanças como inconsequentes, que poderão quando muito resolver um problema do erário público.

Diz que este Congresso poderá ser decisivo, pois problemas de vital importância que se vão discutir, pede que se discuta com elevação, sem que as divergências de opinião nos possam dividir, citando o exemplo de várias organizações estrangeiras, que albergam as mais variadas correntes de opinião, concluindo por afirmar que não existe um partido avançado em Portugal, o que o partido socialista deve preencher essa lacuna.

Em seguida aprovam-se várias saudações, discutindo-se uma enorme confusão uma moção apresentada para que se elegesse o Conselho Central na última.

**Discussão do relatório do Conselho Central**

TOMAR, 1.º — Às 10 horas da manhã abriu-se a sessão, que foi presidida pelo sr. Cartado Mena, secretariado pelo sr.ª D. Argentina Fernandes e pelo sr. Mário Silva.

Antes da ordem, o sr. Henrique de Carvalho apresenta uma tese cujas conclusões são as seguintes:

«Pugnar pela obrigatoriedade do ensino primário elementar, influindo nestes sentido junto dos governos republicanos; Procurar que os governos façam adoptar o método pedagógico que melhor se adapte às condições morais, físicas e intelectuais da família portuguesa; a dignificação moral e intelectual do professorado primário, sem esquecer a sua situação material; Um trabalho de assistência correspondente à obrigatoriedade do ensino, que prestará por si próprio ou auxiliando as iniciativas alheias; Procurar a difusão das escolas elementares, não só no país como nas colónias portuguesas no estrangeiro.»

Foi resolvido por unanimidade que baixasse à comissão de pareceres.

O sr. Ramada Curto lê o relatório do Conselho Central, que descreve rapidamente a acção do conselho e do partido socialista na vida política portuguesa, e critica a luta sindical como exclusivista.

A discussão do relatório decorre sem interesse.

O sr. José de Almeida analisa o relatório, apela para a união dos socialistas e propõe que se saíde por aclamação o conselho Central.

O sr. António Francisco Pereira saída do conselho na pessoa do sr. Ramada Curto, mas censura os outros membros por não cumprirem o seu dever, dizendo que o conselho, eleito no Congresso

## Coliseu dos Recreios

HOJE — Às 21,15 (9,15) — HOJE

Grande desafio em luta livre, fora do campeonato, lançado por

RAOUL SAINT MARS contra CONSTANT LE MARIN

PARA A POULE FINAL

Fournier contra Deriaz

Ochôa contra Grilo

PARA A POULE DE CONSOLAÇÃO

Charley contra Wilson

Combates de grande sensação

MAGNÍFICOS NUMEROS DE VARIEDADES

Visita de estudo

O Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Corderaria Nacional promove hoje uma visita de estudo ao Museu Arqueológico, convidando os arsenistas de marinha e suas famílias a comparecer no largo do Carmo às 13 horas e meia.

**EXCELSIOR**

(ANTIGO THEATRO DOS ANJOS)

HOJE — Às 8,30 — HOJE

Reabertura deste teatro, completamente remodelado, apresentando espectáculos cinematográficos com o seguinte programa:

O IMPEDIDO — drama em 4 partes de Guy de Maupassant.

Aspectos do Intendente, R. de S. Lázaro, Campo dos Mártires da Pátria, Estrela, R. Morales Soares e Graca.

FATY, 2 partes.

CHARLOT NAS CORRIDAS DE AUTOMÓVEIS, 2 partes.

**Títulos achados**

Nesta redacção encontram-se dois títulos não preenchidos do Instituto Ultramarino e um bilhete de identidade pertencentes à viúva de um 1.º sargento da Armada, que serão entregues à própria desde que nos demonstre a sua identidade.

**Nacional**

HOJE — Às 8,30 — HOJE

0 Centenario

Exito nunca igualado nos últimos tempos

BREVEMENTE: — RECITA de actriz lida Stohlin

Triste Viúvina

Edição Brasileira para o seu teatro

tará o papel criado por João Rosa

**Bridge politica**

Centro Comunista de Lisboa.

A assembleia geral deste centro, que hoje se devia realizar, já não se efectua, em consequência de dificuldades sugeridas, ficando a sua realização para a próxima sexta-feira.







